

O PAPEL DA CURIOSIDADE E DA PERGUNTA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO¹

Abidalaziz de Moura *

Apresentação

Este texto é de outubro de 1998. Foi usado pela primeira vez com monitoras do PETI. Depois passamos a usar com outros atores sociais: professoras, jovens e técnicos. Tornou-se uma referência para justificar a importância da pesquisa na construção do conhecimento.

Revela também a importância do desafio, da necessidade e da dificuldade como fatores que impulsionam a busca, à vontade de mudar. Geralmente essas coisas têm sido encaradas como elementos negativos, que impedem o desenvolvimento das pessoas e das comunidades.

O texto faz outra leitura, usa outra ótica. Desafio é para ser enfrentado; necessidade é para ser atendida; curiosidade é para ser respondida. O texto mostra como essa leitura foi a que a humanidade fez e acumulou ao longo de sua história.

Todo conhecimento se produz a partir de uma curiosidade ou de uma pergunta. Na sua base, está sempre a resposta a uma pergunta, a uma curiosidade, a um desafio. Isso acontece desde o conhecimento científico, desenvolvido nas teses de mestrado e doutorado, até o conhecimento mais simples e espontâneo. A pergunta nem precisa estar formalizada, formulada, verbalizada ou escrita. Ela, muitas vezes, está implícita, não aparece. Mas a suposição é feita (Será que... Se... O que posso fazer... Como fazer?). Às vezes, fica só na imaginação. A curiosidade e o desafio provocam perguntas. Pode-se dizer que uma criança se desenvolve à medida que satisfaz as suas curiosidades e passa a fazer perguntas.

Ao nascer, por instinto, sente fome e procura o peito da mãe. Acha gostoso e saudável. Daí por diante, vai pondo tudo o que pode na boca, se perguntando se é tão gostoso como o peito da mãe. Em seguida, vai revelando curiosidade com as mãos; quero pegar, mas será que consigo pegar? Será que consigo sustentar? E assim, sucessivamente; será que posso alcançar?

¹ Este texto foi publicado na SÉRIE: Formação Pedagógica – 01. Textos Didáticos em Outubro de 1998

* Filósofo e Teólogo, membro fundador do SERTA e seu atual presidente.

Será que posso chegar a tal lugar? Será que consigo dizer algo, falar como minha mãe? Será que posso ficar em pé?

Os adultos muitas vezes querem dispensar a criança de fazer perguntas sobre suas curiosidades. Por exemplo, perto do fogo, dizem: chegue pra lá, que queima. Mesmo assim, ela fica se perguntando, será que queima mesmo? Quero experimentar! Na primeira oportunidade que puder, ela chega perto para sentir e verificar se queima mesmo. Tudo isso é tão espontâneo que acontece sem precisar a criança refletir sobre o processo. Ela faz de forma tão natural, como se não estivesse fazendo perguntas. Faz quase que por instinto. Mas o procedimento é de quem formula perguntas, de quem é desafiado diante de uma situação nova.

A humanidade cresceu assim, como as crianças, começando a fazer perguntas, respondendo aos desafios e desenvolvendo curiosidades.

Nos períodos das cavernas, as mulheres e os homens, ao jogar fora as sementes dos frutos que comiam, passaram a perceber que elas nasciam, quando em terreno fértil. Passaram a se perguntar: e se a gente enterrar a semente, ela nascerá? Experimentaram, as sementes nasceram. **Foi assim que começou a agricultura no mundo.**

Caçando, muitas vezes, matavam animais com filhotes pequenos e passavam a cuidar deles, dando comida e água. Observando, perceberam que os animais eram menos agressivos que os adultos. Perguntaram-se: será que podemos criá-los? Será que se acostumam conosco ou voltam para as florestas? Alguns ficaram e foram se amansando. **Foi assim que começou a pecuária no mundo.**

Para a humanidade dar esses passos, milênios foram necessários. A humanidade não tinha a consciência dessas coisas como temos hoje. Viveram essas situações de forma espontâneas.

Os outros animais da Terra não tiveram curiosidades, nem puderam fazer perguntas, nem se sentiram desafiados como as pessoas. Por isso, nunca evoluíram da sua condição de animal. O beija-flor jamais mudou a sua relação com as flores, a abelha também. O Leão nunca mudou a sua relação com suas presas, o gado nunca mudou sua relação com o capim. O homem, ao contrário, mudou sua relação com as coisas, com a natureza, com os alimentos, com o clima,

com a temperatura. Puderam construir ferramentas, armas, casas; plantar; transformar os produtos; produzir conhecimentos novos e inovadores, que lhe permitiram desenvolver uma cultura e interagir com a natureza. **Assim, começou a cultura no mundo.**

Se o homem não se fizesse perguntas, não encontrasse desafio, não desenvolvesse sua curiosidade, a humanidade estaria noutra estágio. Povo que não se faz pergunta é povo atrasado e subdesenvolvido ainda hoje. Triste de quem não tem curiosidade e não se faz perguntas. Triste do município que não pergunta pelos seus recursos, pelas suas finanças, pelas suas possibilidades, pelos seus limites. Triste do programa ou do projeto que não ajuda as pessoas, executoras ou beneficiárias, a fazerem perguntas, a desenvolverem curiosidades. É lamentável que as pessoas se acomodem apenas às coisas iniciais, aos benefícios aparentes. É como a criança que se acomodou a pôr na boca apenas o peito da mãe, porque era gostoso, nutritivo e saudável. É como as pessoas que se acomodaram simplesmente com a bolsa dos programas sociais, a melhora da comida das crianças ou outros benefícios. Mas pararam por aí. Essas pessoas não aproveitaram o programa para fazer mais perguntas sobre suas crianças, seus adolescentes, suas famílias e comunidades, seus municípios, os recursos, etc. É como se, no tempo das cavernas, as pessoas não tivessem observado as sementes que nasciam e os animais que se amansavam.

Se as pessoas, as comunidades, os municípios não fazem perguntas sobre sua história, sobre as causas da sua pobreza, sobre as alternativas que podem construir, se não apresentam curiosidade sobre essas coisas, é porque estão muito mal. Dificilmente se desenvolverão. Viverão sempre à mercê das curiosidades alheias. Não descobrirão nem seus recursos, nem seus limites. Estarão apenas na fase do mamar. Mama uma ajudinha daqui, outra de lá, uma “Bolsa Escolar” hoje, amanhã, um “Promata”. Uma “cesta básica” nas eleições; depois o projeto do MEC da “Renda Mínima”. Só comendo o peixe, sem aprender a perguntar se pode também aprender a pescar, usar anzol, rede.

Se uma criança, desde o berço, desenvolve curiosidade e enfrenta desafios e obstáculos, faz perguntas e se faz perguntas, de forma espontânea ou não, podemos imaginar quando essa criança estiver na fase escolar, o quanto de capacidade já não terá de fazer perguntas! Nossa tradição autoritária sempre abafou a curiosidade das pessoas, tratou-a como sinônimo de “atrevimento, enxerimento, mau costume”.

A escola tradicional tem sido repressiva ao desenvolvimento das perguntas. A contradição é maior porque é exatamente ela que deveria estimular as crianças a formularem e desenvolverem perguntas. Paulo Freire diz que a escola deveria aproveitar a “curiosidade espontânea” do educando e transformá-la em “curiosidade epistemológica (científica)”. Isto é, o que a criança faz de forma tão natural, tão à vontade, tão espontaneamente, a escola deveria ajudá-la a fazer de forma técnica e científica, sabendo os porquês, apropriando-se do processo. O SERTA está propondo, assim, fazer com que a escola não só faça perguntas, como ajude outras pessoas e instituições a fazerem. Por isso que **pesquisa** vira dever de casa nessa proposta.

Conhecendo a PEADS

Quem procura aperfeiçoar as condições do ensino das escolas públicas ou de outros espaços pedagógicos, costuma ir atrás de livros, experiências, que ajudem a melhorar as aulas, os textos, o material didático, a didática para lidar com os alunos, as dinâmicas de grupo. Tudo o que se encontra ao alcance trazido pelas contribuições da sociologia, da psicologia, da antropologia, da genética, da biociência, da informática e ciências afins. Nada mais lógico e natural seguir esse caminho.

Os gestores públicos costumam ir atrás de melhorar as condições físicas, as instalações, os móveis, a merenda, o transporte, a capacitação do professorado, a gestão escolar, o acompanhamento às escolas, evitar a evasão e melhorar o índice de aprovação. Tem sido um caminho habitual dos gestores e atores envolvidos no processo.

Os sindicatos de professores habituaram-se a batalhar por melhores salários e condições de ensino. Também são caminhos trilhados pelas lideranças.

Todos esses caminhos legitimam cada vez mais o papel que a escola exerce na sociedade. Melhorando todas essas dimensões, o papel que ela exerce não se alterará, será aperfeiçoado. Isto é, o que ela representava para seus alunos, com uma série de deficiências, vai passar a exercer sem deficiência, com mais habilidade, com recursos mais modernos, com mestres mais capacitados, com infra-estrutura mais adequada.

Para chegar a esse nível, esse processo exigirá muitos recursos financeiros. União, estado e município não dispõem facilmente. Quando aparece uma oportunidade de investimento para a educação, todos sonham com essas oportunidades.

O Programa Educar não disporia nunca de tantos recursos que seriam necessários para tornar a escola do sertão nessas condições. No entanto, o Programa tem na escola a estratégia básica para diminuir o trabalho infantil nas suas piores formas. Haveria outro caminho que não os grandes investimentos? Existem experiências concretas no estado, no Brasil que conseguisse tornar uma escola deficitária em todas as suas dimensões, uma escola inclusiva e integral?

O Programa Educar procurou a experiência que o Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA vem desenvolvendo em municípios da zona da mata e do agreste com resultados e impactos sobre os alunos, as professoras e as famílias.

O SERTA escolheu outro caminho. Aprofundou o papel que a escola exercia para a população do campo e concluiu que apesar de todas as carências, limitações, dificuldades que passa, há uma coisa que ela vem fazendo muito bem, com muito sucesso e êxito. Os valores que ela vem ensinando as crianças e jovens do meio rural, ela faz de um jeito tão eficiente, que esses não conseguem esquecer, a não ser com raras exceções. Ela ensina tão bem que a lição incorpora-se no inconsciente dos alunos para o resto da vida.

O que a escola faz tão bem assim? A escola ensinou no Nordeste, durante décadas aos alunos/as do campo,

- ◆ que eles para serem felizes, teriam de migrar para as cidades,
- ◆ teriam de abandonar a agricultura,
- ◆ a escola identificou para seus alunos que agricultura era "o cabo da enxada", era o trabalho penoso que seus pais praticavam, porque não sabiam ler e
- ◆ que deviam aprender bem para não terminar a vida como seus pais,
- ◆ a escola ensinou que ser do campo era coisa de matuto, brocoió, pé-rapado, ignorante,
- ◆ e que o pessoal da cidade era mais inteligente, falava melhor, tinha vida melhor, pelo fato de viverem na cidade,
- ◆ a escola estimulou seus alunos e alunas a tirar os documentos para migrarem, para o pouco que aprenderam usar na cidade, a serviço da cidade
- ◆ a escola provou para os alunos que agricultura "não veste camisa", que seus pais não saíam do canto e não melhoravam de vida porque continuavam na agricultura.

Quem duvida que a escola fez isso no campo? Quem duvida que em troca do código escrito que ela ensinou, roubou a identidade, deixou os alunos com vergonha de seus pais e de seu ambiente, baixou sua auto-estima?

Exercendo esse papel, a escola foi fiel escudeiro da nossa cultura, das nossas elites, que pensavam assim também. Essa situação da escola tem sido uma opção, uma escolha feita pela cultura dominante, que reservou esse papel para a escola. A sociedade acolheu e aceitou esse papel para a escola, permitiu que a mesma a desenvolvesse sem atrapalho e sem questionamento. Cobrou da mesma esse papel e função. Se a escola fosse exercer outro papel, o aluno não aceitaria, o pai também não e avó também não, da criança ao mais velho, a escola foi pensada, organizada, estruturada para "passar essa lição bem passada" e conseguiu passar. Passou tão bem passada que mesmo, quem não a frequentou, entendeu essa lição e ficou aplicando-a.

Essa opção não é uma questão de didática, de formas e maneiras de ensinar e aprender, não é uma questão de gestão, de condições de ensino ou de salário de professor, ou de condição econômica das famílias. É uma questão de filosofia e de ética, é uma escolha e decisão política. Algumas pessoas, com uma concepção de pessoa, de mundo, de sociedade escolheu o currículo, programou os conteúdos, avaliou as funções, pôs nessas coisas a sua concepção, a sua visão de mundo, de modo tão perfeito, que quem ensinava ou aprendia, pensava que estava fazendo o melhor, o mais correto e o mais certo para os alunos e para a sociedade.

E tem mais, fez de um jeito tal, que passou sem ser em forma de conteúdo disciplinar, sem deixar explícito. Pesquisadores chamaram esse fenômeno de **currículo oculto**, exatamente, por passar na escola como oculto, sem ser explícito para os professores e para os alunos e seus familiares. Passou sem as pessoas que estavam veiculando saber o que estavam ensinando e os alunos, sem saberem que estavam aprendendo.

Esse currículo oculto é sobretudo formado por valores, é o que a escola ou a professora, passa para os alunos, sem explicitar e o aluno assimila sem precisar estudar, fazer esforço, tirar nota nas provas. O aluno faz prova sobre os conhecimentos e pode depois até esquecer, uma vez que os conhecimentos dirigem-se muito ao consciente. Mas sobre os valores, o aluno não precisa fazer prova, pois se dirigem mais ao inconsciente e fica difícil de esquecer. Os conhecimentos são formados pelas disciplinas e pelas ciências. Os valores são formados pela filosofia, pela ética.

Os que deram forma aos currículos ocultos e explícitos costumam dizer que o ensino é só da ciência e não inclui valor. É o método positivista, quanto mais o conhecimento ficar distante das crenças, dos valores, da subjetividade, mais garantido ele está com a verdade. No entanto, esquecem, ou melhor, ocultam que essa posição não é uma questão de ciência e sim uma escolha e opção filosófica e política. Fazem assim, escolhem assim, porque acreditam nisso. Se acreditassem em outras coisas, fariam diferente!

Escolheriam outros conteúdos de conhecimento e explicitariam os valores, que evidentemente seriam outros. Em vez de passar o valor para o aluno do campo que ele é um coitado, um pobrezinho, que seu pai é um condenado por não saber ler, por trabalhar na agricultura, que agricultura não veste camisa, que o semiárido deve ser abandonado, porque não tem futuro.

Em vez de passar o valor que só quem tem futuro são os grandes, os que moram na cidade, o governo, os políticos e que a solução dos problemas dependem desses. Em vez desses valores, passariam a crença de que as mudanças são possíveis de se fazer, que as pessoas da agricultura tem valor e podem ser felizes tanto quanto as pessoas da cidade, que a escola poderia construir conhecimentos para a convivência com o semiárido, que existem tecnologias ao alcance das pessoas.

Passariam a experiência de que a escola do campo tem tanto valor quanto a da cidade, que as professoras podem construir conhecimentos sobre a realidade que vivem com suas famílias, que podem aprender com a história de seus pais e avós, que a escola pode ajudar a descobrir as potencialidades humanas, culturais e econômicas de sua comunidade e também provocar a mobilização social dos moradores.

Passariam a idéia de que seus pais, mesmo sem domínio do código escrito, dominam muitos outros conhecimentos adquiridos na labuta do trabalho, da criação dos filhos e dos animais e que esses conhecimentos devem interagir dentro da escola com os conhecimentos científicos, técnicos, escolares e acadêmicos.

A PEADS – Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável criada pelo Sertão foi escolhida pelo Programa Educar por ter conseguido atingir essa questão do papel da escola. Modificando o papel, a prática tem mostrado que as outras dimensões vão sendo alcançadas.

Em matéria de material didático, a escolha abre-se para a vida da comunidade, o trabalho, a natureza e assim amplia os seus espaços pedagógicos. O estudo passa a ser sobre a realidade e a partir dessa, universalizar-se. Na medida que os alunos e as professoras resgatam a sua identidade, reforçam sua auto-estima, a escola passa a ser considerada pelos alunos, pelas comunidades e pelos gestores com um novo olhar.

A crença do Programa é de que aonde existem pessoas, educandos e educadores, por menores que sejam as suas possibilidades aparentes, há sementes de mudanças no mais íntimo, aguardando a oportunidade de desabrochar. A escola mais remota dos sítios e fazendas, a adolescente explorada na venda do seu corpo são sujeito das nossas crenças, acreditamos que poderão realizar mudanças.

Mas a estratégia começa com a mudança do papel da escola. Acreditamos que ela pode ser construtora de novos valores, produtoras de novos conhecimentos, repassadora dos conhecimentos acumulados na humanidade, porém de uma forma prazerosa, motivadora dos alunos.

A DIMENSÃO FILOSÓFICA DA PEADS E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM: A QUESTÃO ÉTICA OU O PAPEL DA ESCOLA²

Entender bem o papel da escola é um ponto que toda professora envolvida na PEADS precisa dominar. O objetivo deste texto é aprofundar mais essa questão, observando as conseqüências práticas de uma escolha filosófica, metodológica. Entendendo bem qual o papel da escola, vai ser fácil para a professora a escolha do currículo, das técnicas e dinâmicas usadas no cotidiano.

Trata-se de entender bem o papel que a escola tradicionalmente exerceu no meio rural diante das pessoas, dos alunos, das professoras, das famílias, das instituições.

Em outras palavras: o que a escola significava para os alunos, as professoras, as famílias e a comunidade; e o que passa a significar na PEADS.

² Estudo do *Primeiro Seminário de Sistematização da Peads* – 15/04/03

Quando falamos do papel exercido pela escola na PEADS, queremos falar do significado, da função pedagógica, social, política que a escola exerce. Outra maneira de colocar a questão é perguntar *para que* a escola e *o porquê* dela. Esse é um dos maiores diferenciais do SERTA e da PEADS. Não se trata agora de saber *como* é a escola, como é o ensino, como é a didática, como se ensina, como se avalia. Essas perguntas são sobre os meios e não sobre o papel, a função.

Não estamos dizendo que essas perguntas não interessem à PEADS. Queremos dizer que essas perguntas são subordinadas a outras sobre o papel, a função e o fim. As perguntas sobre o papel, a função e a finalidade da escola são perguntas respondidas pela Ética, que é uma disciplina da Filosofia; enquanto as perguntas sobre os meios, às formas de ensinar, as dinâmicas usadas na escola são respondidas pela Psicologia, pela Sociologia, pela Genética, Biociência e por outras ciências.

Convém estar atento para essa diferença, que é a maior diferença entre a PEADS e outras concepções de Educação. A PEADS não se diferencia de outras propostas porque faz pesquisa, porque faz aula-passeio, porque aprende com os pais. A diferença maior é por conta do papel que, na PEADS, a escola exerce, pois muitas escolas fazem pesquisa, porém com outra função, com outro papel. A PEADS está toda perpassada por dimensões filosóficas.

Quando falamos de *dimensões filosóficas*, não queremos dizer coisas abstratas, elucubrações difíceis, raciocínios complicados só para intelectuais. Muito pelo contrário. Filosofia é o que está no dia-a-dia da professora, da sua relação com o aluno, com a comunidade, que está nos textos, nas pesquisas, nas devoluções, nos censos, dentro de você, dos seus sentimentos e de suas emoções.

Filosofia perpassa por todos os currículos, os da PEADS que vocês aplicam, como por todos os outros que se aplicam nas escolas convencionais. Não é que o currículo da PEADS tenha dimensões filosóficas e os demais não tenham. O que acontece é que há filosofias diferentes. Em relação às dimensões filosóficas neste texto, vamos explorar apenas questões da Ética, embora seja difícil de falar de Ética sem falar de outras dimensões da Filosofia. Na realidade, estão articuladas. Vamos distinguir apenas por uma questão metodológica. Como em um exame de sangue, sabendo que o sangue não se separa do organismo, a não ser para análise ou para se tornar medicamento.

Para ilustrar o que estamos dizendo, vamos partir das situações do cotidiano, formando duas colunas. Em uma, vamos colocar a opção filosófica da PEADS, e, em outra, a opção de uma concepção diferente.

Filosofia Diferente	Filosofia/Ética da PEADS
Maneira de olhar para o aluno	
1. A professora olha para uma aluna do meio rural, pobre, sem muito acesso ao consumo e pensa que essa é uma <i>coitadinha, pobrezinha, sem muito futuro porque seus pais não têm muita chance na roça.</i>	Diante da mesma aluna, a professora enxerga todo o potencial que essa criança tem e que pode ser desenvolvido a partir da escola. Enxerga-a como pessoa humana à procura de oportunidades, capaz de fazer escolhas.
2. A professora olha para uma criança que vem para a escola como uma pessoa sem saber de nada, sem trazer conhecimento, só vem para aprender com a professora.	Diante da mesma criança, a professora enxerga, usa e valoriza o saber e a experiência que a criança já adquiriu em casa, com seus familiares, no roçado, cuidando dos irmãos menores. Não a trata como cérebro vazio.
3. Diante da criança rural, a professora a enxerga e assim a trata: como objeto da caridade da professora, do Governo, dos políticos, porque é pobrezinha.	Diante da mesma criança, a professora a enxerga e assim a trata, como sujeito de direitos, cidadã, autora, protagonista. Não como objeto de favor, da boa vontade dos políticos.
4. Crianças do meio rural, sem recursos financeiros, pobres, são despesas para o Município, o Estado e a União. São problemas!	Essa mesma criança constrói conhecimento sobre o município, faz diagnóstico da realidade e apresenta com a comunidade solução para os problemas.
Maneira de olhar o campo	
1. O meio rural e o campo são lugares de pobreza, de fome, de carência, que precisam da ajuda do Governo.	São lugares de potencialidade, de riquezas inexploradas e que não se tornaram agenda das decisões políticas do Governo.
2. A criança rural é matuta, atrasada, tímida e acanhada para falar; não gosta de olhar nos olhos das pessoas quando fala, é envergonhada.	A criança é tímida e acanhada até o momento que a escola não trata da sua realidade, não valoriza nem a transforma em objeto de estudo. Na hora que valoriza, ela se revela diferente.
3. Como é escola rural, qualquer coisa basta, não precisa ser exigente, puxar muito pelas crianças, colocar móveis de boa qualidade.	Sobretudo porque é rural é que precisa ser exigente, preparar-se bem, puxar pelas crianças, porque são potenciais grandes diante de desafios maiores.
4. O lugar da realização das pessoas que sabem ler é na cidade. A escola ensina, e a criança aprende para melhorar de vida, mas só melhora de vida na cidade, que tem mais chance, mais emprego, mais acesso à informação, à saúde, aos serviços.	O lugar da realização das pessoas é onde as pessoas gostam de estar e se sentem bem. Pode ser no campo ou na cidade. Conquanto que elas desenvolvam suas potencialidades, construam suas identidades, estimulem a sua auto-estima, convivam com seus familiares, tudo isso é possível tanto no campo como na cidade.
Maneira de olhar os valores	
1. No campo, o pobre só precisa usar as mãos para trabalhar, criar calo. Rico é que usa a cabeça, porque tem negócio, viaja, vai atrás de cliente, dirige empresa.	No campo, o pobre precisa usar cabeça e não só mão precisa “fazer calo na cabeça”. Trabalhar no campo é um negócio que exige planejamento, avaliação, mercado e visão empresarial.
2. O objetivo da escola é ensinar a ler, escrever e contar. Repassar os conhecimentos para os alunos, para que eles se formem e tenham sucesso na vida.	O objetivo não é só repassar os conhecimentos para os alunos , é, com a leitura, a conta e a escrita, construir conhecimentos, desenvolver habilidades, preparar o aluno para a vida, para a participação cidadã.

3. Pesquisar é negócio para academia, mesurado e especialista. Na escola rural, basta só ensinar a ler...	Pesquisar é atitude de cidadão/ã, de trabalhador/a, de quem aprende e de quem ensina, é uma forma privilegiada de construir conhecimentos e valores.
4. O papel da professora é ensinar os conhecimentos do currículo. Valores não é com ela, isso é com a família. A família que eduque seus filhos para o bem.	O currículo da escola não passa só conhecimento; passa valores, concepção de vida, de pessoa, de mundo. Precisa explicitar esses valores, não deixá-los ocultos nem para a família.
5. A escola tem responsabilidade pelo que acontece dentro de seus espaços, de seus muros, o que acontece do muro para fora não é responsabilidade da escola.	A escola preocupa-se com o que acontece dentro e fora, porque a aprendizagem acontece, e os valores são construídos dentro e fora dos muros, em interação com a comunidade e a partir da vida da mesma.
6. A professora é quem sabe, ensina e avalia o aluno. O aluno aprende e é avaliado pela professora.	A professora sabe, ensina, avalia e também aprende e é avaliada no processo de aprendizagem pelos seus alunos e pelos resultados que eles alcançam.
7. A responsabilidade da escola em ensinar termina com a formatura dos alunos.	A responsabilidade é ensinar para que o aluno continue aprendendo e estudando ao longo da vida.
8. O conhecimento é uma construção intelectual, a professora tem que puxar pela memória do aluno.	O conhecimento não é só uma construção intelectual. Envolve emoções, motivação, desejo, vontade, autoestima, autoconfiança, identidade.
9. O importante é o conhecimento científico, o popular é insuficiente, não alcança a verdade comprovada.	O importante é a interação entre o conhecimento científico, técnico e popular e outras formas de conhecimento, como o artístico, o religioso, o sensitivo.
10. Aprendemos para poder explorar os recursos da natureza.	Aprendemos para amar a natureza, preservar o seu ambiente, imitar e respeitar suas leis.
11. A aptidão do/a educando/a é avaliada com o teste ou a prova, com sua capacidade de adquirir boas notas.	A aptidão do aluno/a é avaliada com muitos outros instrumentos, além de prova e teste e em processo. Avalia-se também verificando os valores que o aluno está construindo.
12. A professora acha que pode ensinar sem ter vocação. Sem amar e sem ser amada. O ensino não tem nada a ver com isso. Essas coisas são de outro âmbito e não influem em sala de aula.	Só educa bem quem se sente vocacionada, quem se ama muito, quem se cuida. Pode ter ou não marido, companheiro ou namorado. Pode não ter um casamento feliz, mas não pode perder sua capacidade de amar e amar-se. É preciso “ensinar com o coração”.

Como se pode observar, essas diferenças são diferenças filosóficas, de concepção de pessoa, de sociedade, de mundo, de natureza e especialmente de valores e de pessoa. Não são diferenças didáticas. Quem tem a concepção filosófica de uma coluna dessas tem a didática correspondente.